



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Sobre as noções de consciência e *self* para C. S. Pierce

João Queiroz

Como citar: QUEIROZ, J. Sobre as noções de consciência e *self* para C. S. Pierce. *In*: BROENS, M. C. ; MILIDONI, C. B. (org). **Sujeito e identidade pessoal – Estudos de Filosofia da mente**. Edição. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003. p43-54. DOI: <http://doi.org/10.36311/2003.85-7139-518-7.p43-52>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

SOBRE AS NOÇÕES DE CONSCIÊNCIA E SELF PARA C. S. PEIRCE

João QUEIROZ¹

1 INTRODUÇÃO

Há, em Ciências Cognitivas, uma enorme variedade de noções, conceitos e definições sobre *consciência*. Consciência é uma entidade, um estado, um processo, um mistério, um ato generativo. *Self* é um modelo, um artefato, uma coisa mental, uma ficção, uma ilusão, um meme, é o mesmo que atenção, e é um processo de regulação de natureza representacional. Não se trata de uma construção monolítica, podendo ser decomposto em diferentes tipos — self físico, mental espiritual e ego (James 1890); ecológico, inter-pessoal, estendido, privado, conceitual (Neisser 1988); atual e ideal (Hart et al. 1997); *proto self*, *core self* e self autobiográfico (Damasio 1998); self fraco e forte (Flanagan 1992); self narrativo (Dennett 1991). Recentemente, Gallagher (2000) propôs dividir as diversas abordagens em dois grupos: self mínimo e narrativo.

Meu propósito aqui é apresentar um problema. Este problema está relacionado a uma etapa de delimitação, restrição e ajuste conceitual. Vou, em seguida, sugerir as categorias lógico-fenomenológicas do filósofo C.S.Peirce, e sua noção semiótica de self, para realizar tais ajustes. Para ilustrar o problema, apresento uma lista (não exaustiva) das classificações conhecidas. Estou especialmente interessado no que pode ser chamado de “miscelânea classificatória”.

¹ Pesquisador associado ao DCA-UNICAMP Endereço eletrônico: queirozj@dca.fee.unicamp.br

2 DIVERSOS TIPOS DE CONSCIÊNCIA

Natsoulas (1978) distingue sete diferentes modos em que o termo consciência tem sido usado. Segundo Tulving (1985) há três tipos de consciência: anoética (nonknowing), atenção simples de estímulos externos; noética (knowing), que envolve atenção de representações simbólicas do mundo; auto-noética (self-knowing), que envolve atenção do self e experiência pessoal estendida no tempo. Para Armstrong (1979), é útil distinguir três sentidos da palavra consciência: “mínima consciência”, que é a ocorrência de qualquer atividade mental; “consciência perceptual” que é a atividade perceptiva; e “consciência introspectiva”. Farthing (1992: 13) distingue entre uma consciência primária — atenção perceptual de estímulos externos e internos — e consciência refletida — pensamentos sobre as experiências da própria consciência. Segundo Gazzaniga (et. al., 1998: 532), que adota uma divisão de Pinker, há três tipos de consciência: (I) *sentience*, que se refere a uma “consciência subjetiva, atenção fenomenal”; (ii) consciência de acesso à informação, “que envolve a habilidade de reportar o conteúdo da experiência mental”; (iii) consciência de auto-conhecimento. Para Damásio (2000), há dois tipos de consciência, que correspondem a dois tipos de self: consciência central, associada a um self central, e uma consciência ampliada, “que possui muitos níveis e graus e fornece ao organismo um complexo sentido do self”, que Damásio (ibid.: 35) chama de self autobiográfico. Block (1995, 1996) propõe uma distinção entre consciência fenomenal e consciência de acesso: a primeira refere-se a natureza qualitativa da experiência e está especialmente associada a sensações corporais e experiências perceptivas; a segunda refere-se a habilidade de reportar nossas experiências e de agir sobre elas.

Segundo Block (1995, 1996), há uma ubíqua confusão nas pesquisas sobre consciência e a fonte desta confusão está na distinção entre consciência fenomenal e consciência de acesso. Estas classificações (ver as Tabelas 1 e 2) poderiam ser somadas com outros esquemas — e.g., Chalmers (1997), Burge (1997). Como alerta Damásio (2000: 33), “a consciência não é um monólito, pelo menos não nos seres humanos: ela pode ser separada em tipos complexos e simples”.

TABELA 1 - Modelos diádicos de consciência

Block	consciência fenomenal	experiência de primeira pessoa
	consciência de acesso	o que pode ser observado
Farthing	consciência primária	atenção perceptual de estímulos externos e internos
	consciência refletida	pensamentos sobre a experiência do próprio indivíduo <i>per se</i>
Damasio	consciência central	simples sentido do <i>self</i> — aqui e agora
	consciência ampliada	complexo sentido do <i>self</i> — identidade em um tempo histórico

Tabela 2 - Modelos triádicos de consciência

Tulving	anoiética (nonknowing)	atenção simples de estímulos externos
	noietica (knowing)	atenção de representações simbólicas do mundo
	autonoietica (self-knowing)	atenção do self e experiência pessoal estendida no tempo
Armstrong	mínima consciência	ocorrência de qualquer atividade mental
	consciência perceptual	atividade perceptiva
	consciência introspectiva	consciência dos estados mentais e atividades correntes do próprio sujeito
Pinker (Gazzaniga)	sentience	consciência subjetiva
	consciência de acesso	experiência mental reportável
	auto-conhecimento	auto-conhecimento

Uma pergunta óbvia aqui é: como saber se estamos tratando dos mesmos processos? Para Gazzaniga (et. al. 1998: 532), “Os cientistas [...] são culpados por usar o termo consciência de tantos modos distintos que torna-se impossível verificar sobre o que cada um está falando”. Minha sugestão é que as categorias de C.S.Peirce podem ser capazes de fazer o que chamei de “alinhamento e ajuste” conceituais.

3. FEELING, ALTERSENSE E MEDISENSE

Segundo Peirce (CP 7.528),

Todos os elementos da experiência pertencem a 3 classes que, desde que são mais bem definidas em termos de números, podem ser chamadas Categorias Cenopitagóricas. A experiência é composta de: (1) experiências monádicas, ou

simples [...]; (2), experiências diádicas, ou recorrências [...] experiência direta de uma oposição de pares de objetos; (3), experiências triádicas, ou compreensões [...] experiência direta que conecta outras possíveis experiências.

As categorias — Primeiridade, ou experiência monádica (*feeling*), Secundidade, ou experiência diádica (*altersense*), Terceiridade, ou experiência triádica (*medisense*) — são descritas em diferentes domínios. Na obra de Peirce, que Ketner (1995; 243; ver Kuntz 1994: 178) considera um “adaptive methodologist” — “alguém especializado em aplicar métodos de uma ciência em áreas de outras ciências” — as categorias constituem um princípio metateórico (Pape 1997: 182) cujo desenvolvimento requer de interpretações formais à análise fenomenológica. No contexto que aqui mais me interessa, as categorias são “departamentos da ação mental” (CP 7.539). Elas proveem uma partição das experiências mentais em classes e sub-divisões destas classes — da mente em tipos de mente, da atividade mental em “componentes da atividade mental” e em “módulos mentais”.

Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a qualquer outra coisa [...] perfeitamente simples e sem partes. As típicas idéias de Primeiridade são qualidades de feeling ou mera aparência. [...] É simplesmente uma possibilidade positiva peculiar sem observar qualquer outra coisa. [...] O primeiro é predominante no feeling. Por um feeling eu quero indicar um exemplo daquele tipo de consciência que não envolve qualquer análise, comparação ou qualquer processo. [...] O conteúdo todo da consciência é feito de qualidades de feeling, como o todo do espaço é feito de pontos ou o todo do tempo, de instantes (Peirce CP 8.328, 1.531, 8.329, 1.302, 1.306, 1.317).

[...]

Secundidade é o modo de ser daquilo que é tal como é, com respeito a um segundo mas sem observar qualquer terceiro. [...] Típico de uma idéia de Secundidade é uma idéia de esforço, prescindido da idéia de um propósito. [...] A experiência de esforço não pode existir sem a experiência de resistência. Esforço somente é esforço em virtude de seu ser oposto. [...] Ocorre mais plenamente no choque da reação entre ego e não-ego. Está lá a dupla consciência de esforço e resistência. [...] Toda a característica real da consciência é

meramente o sentido de choque do não-ego sobre nós. [...] Nós nos tornamos conscientes de nós mesmos nos tornando conscientes do não-self. O estado de vigília é uma consciência da reação. [...] A idéia de outro, de não, torna-se o pivô do pensamento” (Peirce CP 8.328, 8.330, 8.266, 1.324).

Como, para Peirce, é “impossível resolver tudo em nossos pensamentos por meio destes dois elementos” (CP 1.343) — Primeiridade e Secundidade — embora haja tentativas para fazê-lo entre seus (CP 8.331), e nossos, contemporâneos, é necessário um terceiro elemento:

Algumas das idéias de Terceiridade proeminentes [...] são generalidade, infinidade, continuidade, difusão, crescimento e inteligência. [...] Terceiridade, no sentido da categoria, é o mesmo que mediação. [...] Cognições mediadas que é conhecimento através de alguma terceira idéia ou processo. [...] Sentido de Mediação é consciência de um meio termo ou processo, pelo qual alguma coisa, não-self, é reunido na consciência. Toda consciência de um processo pertence a este sentido de mediação (Peirce CP 1.340 1.328 7.544).

A coleção de propriedades associadas às três classes pode ser esquematicamente distribuída assim:

TABELA 3 - Modelo de C.S.Peirce

Consciência Primeiridade monádica	de ou	Consciência de Secundidade diádica	de ou	Consciência de Terceiridade ou triádica
<i>feeling</i>		experiência		representação
não-análise		<i>hard fact</i>		mediação
não-comparação		oposição		processo
instante		esforço		cognição
sem partes		ocorrência		hábito
simples		<i>nowness</i>		generalidade
qualidade		resistência		continuidade
possibilidade		<i>hereness</i>		difusão
		dualidade		crescimento
		volição		semiose

A questão formulada é a seguinte: esta lista é *suficiente* para explicar toda a variedade de formas da mente consciente? Para Peirce (CP 7.551),

Não existem outras formas de consciência exceto as três que foram mencionadas: *Feeling*, Sentido de alteridade (*Altersense*), e Sentido de mediação (*Medisense*). Eles formam um tipo de sistema. *Feeling* é o conteúdo momentaneamente presente da consciência em sua simplicidade pristina, à parte qualquer outra coisa. É a consciência em seu primeiro estado, e poderia ser chamada primisense. Sentido de alteridade (*altersense*) é a consciência de um presente diretamente outro, ou segundo. [...] Sentido de mediação é a consciência de uma terceiridade, ou meio entre um Sentido de primeiro e um Sentido de Alteridade. [...] É a consciência de um processo de ‘trazer para mente’.

4 *MEDISENSE*: A CONSCIÊNCIA COMO REPRESENTAÇÃO

Vou explorar, um pouco mais cuidadosamente, a forma de consciência associada à “mediação”. Diversos cientistas e filósofos têm afirmado que a consciência, e especialmente o *self*, podem ser explicados como um tipo de representação (Lycan 2000; Clark 2001: 175) ou de metarepresentação — “A habilidade para metarepresentar os estados mentais internos tem um importante papel na consciência, e pode ser observado como definindo sua natureza” (Sperber 1999:542). A questão aqui é que se, como muitos sugerem, o *self* é um processo de regulação capaz de gerar um sentido de identidade transtemporal, a explicação deste processo deve recorrer a diversos níveis de descrição, e um nível *representacional* parece ter um lugar de destaque nesta explicação. Embora as explicações possam ser distribuídas em muitas versões, existe um consenso relativo sobre o *explanandum* aqui: a explicação da experiência de uma unidade formando um todo consistente com o contexto auto-biográfico (ver Vogeley et al.:2000) parece exaurida por propriedades representacionais.

A despeito das muitas versões sobre a natureza da auto-consciência oscilar entre diversas tendências (noção *naïve* de representação, narrativismo, representacionalismo de alta ordem, etc), o panorama é determinadamente cognitivista: a “consciência surge

de tipos particulares de representações, a partir de mecanismos dedicados a sua formação. [...] De acordo com esta visão, conteúdos representacionais são conscientes quando seus veículos têm algum status computacional privilegiado, independentemente de qualquer propriedade intrínseca destes veículos” (Atkinson et al. 2000: 373). O problema aqui diz respeito, especialmente, à noção de representação desenvolvida pelo cognitivismo, e ao status de suas explicações, que baseia-se nas doutrinas que provêm seus pressupostos — dualismo substancialista e funcionalismo.

Minha sugestão, sobre este tópico, é que a semiótica de Peirce oferece uma perspectiva capaz de trazer a hipótese representacional do self em uma moldura teórica consistente ao prover: (i) um modelo geral de semiose, (ii) uma concepção de mente consciente “como um processo de interpretação sígnica exibindo uma relação essencialmente triádica entre signo, objeto e interpretante” (Ransdell 1977: 58), (iii) uma classificação de tipos de semiose capaz de superar as versões simbólico-linguicêntricas que dominam as explicações correntes. De acordo com o modelo pragmático-semiótico de Peirce, o self é, ao mesmo tempo, um signo imerso em uma rede de signos e uma hipótese, gerada por inferência lógica abdutiva, continuamente testada por experiência perceptual do não-self (*altersense*). O espaço em que seu aparecimento está inscrito é dos fenômenos de secundidade, embora sua natureza sígnica faça dele um fenômeno de *terceiridade*. A teoria das categorias explica diversas dimensões deste fenômeno — a experiência de descontinuidade (*secundidade*), a estabilidade temporal desta experiência, que é auto-biográfica, em termos representacionais (*terceiridade*), e seu conteúdo qualitativo (*primeiridade*).

As consequências da abordagem peirceana estão alinhadas entre as investigações mais recentes em Ciências Cognitivas. Como uma representação, sua abordagem pode ser comparada à noção de self-narrativo desenvolvido por Dennett (1991). Mas diferentemente, não pode ser, como Dennett propõe, um centro gravitacional de múltiplas narrativas, em uma mente isolada. O self narrativo, para Peirce, deve estar está mais próximo do modelo *multiplex* de Ricour (ver Gallagher 2000) — o self como uma soma de narrativas. De acordo com Peirce (CP5.314), “minha linguagem é a soma total de mim mesmo”. O dialogismo assumido por esta posição pode ser comparado

à abordagem de Blachowicz (1997: 507) — a “auto-consciência parece estar proxicamente conectada a um diálogo interno”. Mas a abordagem de Peirce está baseada em um modelo lógico de semiose que inclui processos multimodais de representação (icônicos, indexicais, simbólicos). Esta é uma limitação da abordagem de Blachowicz, e também de Dennett. Como um processo em desenvolvimento, ele pode ser comparado à abordagem de Kagan (1989: 233; também Flanagan 1992: 200), sobre a emergência de termos auto-refenciais – “eu”, “mim”, “meu”, “eu-mesmo”, etc. Mas diferente de Kagan, há uma teoria sobre a semiose indexical, para explicar a ontogênese destes processos. Sumariamente, o self, e a consciência, para Peirce, são:

Signo	“Consciência é algumas vezes usada para significar o ‘eu penso’, ou unidade no pensamento; mas a unidade não é nada além de consistência ou reconhecimento dela. Consistência pertence a todo signo, até onde ele seja um signo; e portanto todo o signo, desde que signifique primariamente que é um signo, significa sua própria consistência” (CP5.313); “Consciência é usada para denotar o ‘eu penso’, a unidade do pensamento; mas a unidade do pensamento não é nada mais do que a unidade da simbolização” (CP7.585).
Dialógico	“Todo pensamento é dialógico em forma. Seu self de um instante recorre a seu self mais profundo para sua aprovação” (CP 6.338).
Inferencial	“Nós já temos visto que todo o estado da consciência é uma inferência, tal que a vida não é nada mais do que uma sequência de inferências, ou uma cadeia de pensamentos. Em qualquer instante, então, o homem é um pensamento, e como pensamento é uma espécie de símbolo, a resposta geral para a questão ‘o que é um homem?’, é que ele é um símbolo” (CP7.583).
Experiência do não-self	“Nós nos tornamos atentos de nós mesmos nos tornando atentos do não-eu. O estado de vigília é uma consciência de reação” (CP 1.324).
Ilusório	“Todo mundo admitirá que um self pessoal existe no mesmo sentido que existe uma cobra; existe um fenômeno para o qual aquele nome é dado. Ele é um fenômeno ilusório, mas ainda assim é um fenômeno. Ele não é puramente ilusório, mas apenas principalmente (CP 8.82)

5. CONCLUSÃO

É, obviamente (cf. indica a literatura), uma boa idéia separar o fenômeno da consciência em diferentes classes e tipos, para refinar os problemas. Vimos que “as propriedades essenciais da experiência consciente permanecem incertas. A diversidade de soluções propostas indica um problema” (Jack & Shallice 2001: 162). Esbocei a divisão fenomenológica de consciência proposta por Peirce. Meu argumento é que as categorias de Peirce, e seu modelo semiótico e pragmático de self, podem estabelecer um novo território conceitual para discutir a “miscelânea classificatória” de modos da consciência.

AGRADECIMENTO

Esta pesquisa foi financiada pela FAPESP (pos-doutorado # 02/09763-2).

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, D.M. Three types of consciousness. *Ciba Found Symp*: 69 235-53, 1979.

ATKINSON, A.P., THOMAS, M.S.C. & CLEEREMANS, A. Consciousness: mapping the theoretical landscape. *Trends in Cognitive Sciences*, 4:372-382, 2000.

BLOCK, N. On a confusion about a function of consciousness. *Behav. Brain Sci.*, 18:227-287, 1995.

_____. How can we find the neural correlate of consciousness? *TINS* 19 (11): 456-459, 1996.

BURGE, T. Two kinds of consciousness, In: *The Nature of Consciousness — Philosophical Debates*. (Eds.) Block,N., Flanagan, O., Guzeldere, G. . Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.

CLARK, A. *Mindware: an introduction to the philosophy of cognitive science*. Oxford University Press, 2001.

CHALMERS, D. Availability: the cognitive basis of experience, em *The Nature of Consciousness — Philosophical Debates*. (Eds.) Block,N., Flanagan, O., Guzeldere, G.. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.

DAMASIO, A. R. Investigating the biology of consciousness. *Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci*. Nov 29 353:1377 1879-82, 1998.

_____. *O Mistério da Consciência*. (Trad. Laura Teixeira Mota) Ed. Companhia das Letras, 2000.

DENNETT, D. *Consciousness Explained*. Little, Brown and Co. 1991.

FARTHING, G.W. *The Psychology of Consciousness*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1992.

FLANAGAN, O. *Consciousness Reconsidered*. MIT Press, 1992.

GALLAGHER, S. Philosophical conceptions of the self: implications for cognitive science. *Trends in Cognitive Sciences* 4:14-21, 2000.

GAZZANIGA, M., IVRI, R., MANGUN, G. *Cognitive Neuroscience: the biology of the mind*. W.W.Norton & Company, 1995.

- HART, D., FIELD NP, GARFINKLE JR, SINGER J.L. Representations of self and other: a semantic space model. *J Pers* Mar 65:1 77-105, 1997.
- HOUSER, N. *Peirce on the Structure of Consciousness* (Thesis presented to the University of Waterloo - Ontario), 1978..
- KAGAN, J. *Unstable Ideas: Temperament, Cognition, and Self*. Harvard University Press, 1989.
- KETNER, Kenneth . *A Thief of Peirce — The letters of Kenneth L. Kemer and Walker Percy*. (Ed.) SAMWAY, Patrick. University Press of Mississippi, 1995.
- KUNTZ, P. G. Doing Something for the Categories: The Cable of Categorical Methods and the Resulting Tree of Categories, em *From Time and Chance to Consciousness: Studies in the Metaphysics of Charles Peirce*. (Eds.) MOORE, E. & ROBIN, R. Oxford/Providence, USA: Berg, 1994.
- JACK, A. & SHALLICE, T. Introspective physicalism as an approach to the science of consciousness. *Cognition* 79: 161-196, 2001.
- JAMES, W. 1890. *Principles of Psychology*. 2 Vols. Dover.
- LYCAN, W. Representational Theories of Consciousness, In: Stanford Encyclopedia of Philosophy <http://plato.stanford.edu/entries> , 2000.
- NATSOULAS, T. Consciousness. *Am. Psychol.* 33:906-914, 1978.
- NEISSER, U. Five kinds of self-knowledge. *Philosophical Psychology* 1: 35-59, 1988.
- PEIRCE, C. S. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Electronic edition. Vols. I-VI. (Eds.) Hartshorne, C. & Weiss, P. (1958). Vols. VII-VIII. (Ed.) Burks, A. W.. Charlottesville: Intelix Corporation. Cambridge: Harvard University. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. [quoted as CP, followed by the volume and paragraph.], 1931-1935.
- _____. *New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce*. (Ed.) Eisele, C.. The Hague: Mouton. [quoted as NEM, followed by the page]. 1976.
- PAPE, Helmut. The logical structure of idealism: C.S.Peirce's search for a logic of mental processes, em *The Rule of Reason*. (Eds.) BRUNNING, J. & FORSTER, P. University of Toronto Press, 1997.
- RANSDELL, J. Some leading ideas of Peirce's semiotic. *Semiotica* 19 (3/4):157-178, 1977.

SPERBER, D. Metarepresentation, In: The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences. Wilson, Robert A. and Keil, Frank C. (Eds.). MIT Press, 1999.

TULVING, E. How many memory systems are there? *Am. Psychol.* 40:385-398, 1985.

VOGELEY, K. & KURTHEN, M., FALKAI, P., MAIER, W. *The human self construct & prefrontal cortex in schizophrenia*, 2000.

<http://www.phil.vt.edu/assc/esem5.html>

WILSON, R. A. & Keil, Frank C. (Eds.). The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences. MIT Press, 1999.